

PONTO DE VISTA

Guerau, camonibói! — 2

JOÃO UBALDO RIBEIRO

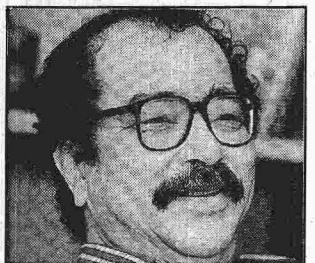
Quando a família se mudou de volta para a Bahia, sofreu inúmeros choques culturais, até mesmo em matéria de bola de gude, que em Aracaju era jogada numa modalidade inteiramente diversa da soteropolitana ("soteropolitano", para quem não sabe, é o nome que os filólogos inventaram para xingar os nativos de Salvador). Na área cinematográfica, o choque principal foi que, em Sergipe, a gente brincava de camônii e camonibói, sendo camônii o nome do jogo e camonibói a exclamação para se render o adversário. Em Salvador, não era camônii, era guerau — tanto o jogo quanto a exclamação, o que me parecia inaceitável, tanto assim que abandonei o camônii e nunca brinquei de guerau. Até hoje, apesar de baiano, sou camonista.

Houve muitas outras mudanças, mas a juventude é maleável e todo um mundo novo se abria. Em Itaparica, fui do tempo do cinema de Nelson, irmão de padre Amadeu. Cinema direito, como o de cidade grande, com direito a pipoca, roletes de cana e amendoim cozido, além de cadeiras que a gente não precisava levar de casa. Geralmente tinha seriado e, quando não tinha, a molecada reclamava. Nelson aparecia encolerizado, lá do alto da sala de projeção e, chamando os líderes da revolta pelos nomes, dava um esbregue-

geral, ameaçando falar com o pai de cada um, para denunciar a baderna. Mas o melhor era que, quando tinha filme impróprio, ele mandava circular um palhaço pela cidade, encarapitado em pernas de pau e anuciando, num invejássimo megafone. "Atenção, atenção, hoje o filme é impróprio! Atenção, atenção, vocês aí, hoje grande filme impróprio no Cine Itaparica!"

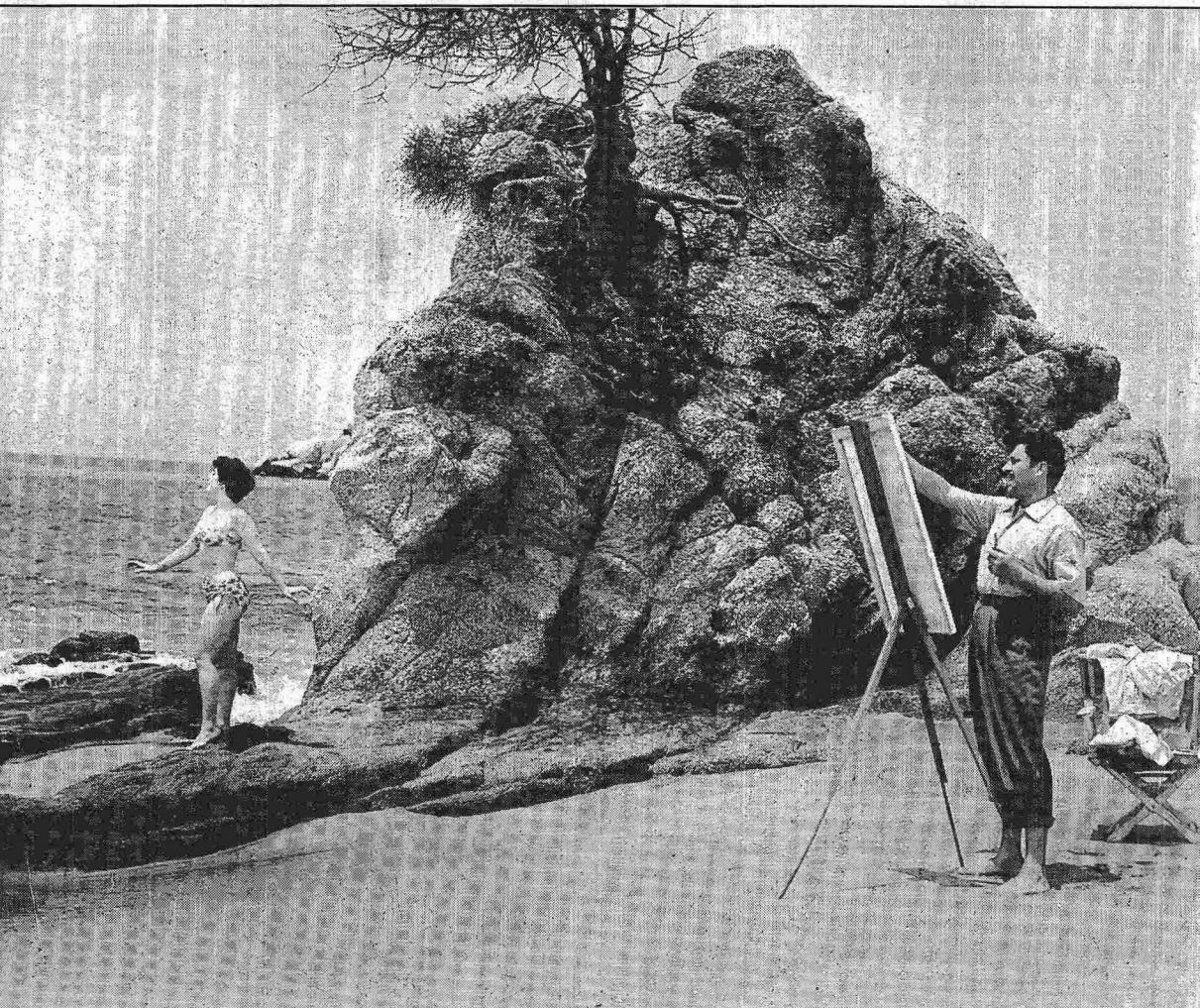
A presença dos meninos, por conseguinte, estava garantida e vi diversos filmes impróprios, se bem que filme impróprio, naquela época, não era tão impróprio assim e, nas raríssimas vezes em que aparecia peito, padre Amadeu mandava Nelson, sob estentórea vaia, botar a mão na frente do projetor, até o peito desaparecer. Bem mais tarde, em Salvador, com famosas atrizes europeias, principalmente francesas, os filmes impróprios ficaram bastante melhores (lembro um chamado *Esta Noite as Sais Voam*, que maravilha, vi a semana toda), envolvendo a aventura de deixar o buço crescer, não usar a carteira de estudante para não denunciar a idade e engrossar a voz, se o porteiro fizesse alguma pergunta.

Daí em diante, a julgar pelo turbilhão de memórias que, surpreendentemente, me acomete agora, minha vida cinéfila daria um romance, que, para alívio voso, prometo nunca escrever. Ou



■ João Ubaldo Ribeiro escreve aos domingos neste espaço.

MINHA VIDA CINÉFILA DARIA UM ROMANCE



daria algumas dezenas de crônicas, que, para maior alívio ainda, garanto não escrever, não passo desta de hoje. Por onde começar? Salvador, tão menor do que agora, não tinha shoppings, tinha centro, tinha a Rua Chile e adjacências, era, na minha recordação romântica, uma festa com cujo passamento ainda não me conformo e, quando volto à Bahia, fico enchen- do o saco dos amigos como um ve- lho caturra, chamando os lugares pelos nomes antigos e me revol- tando contra qualquer novidade.

Acho que começo pelos cinemas Pax, Popular, Santo Antônio e, *last, not least*, o grande cine-teatro Jandaia, na Baixa dos Sapateiros. O Pax, que não sei se ainda existe, era mais ou menos do tamanho da Fonte Nova e enchia as medidas de qualquer um. Jornais cinematográficos em profusão, zilhões de trailers arrebatadores, dois filmes, seriados, absolutamente tudo a que o sonhador adolescente tinha direito. O Popular e o Santo Antônio, embora de proporções bem mais modestas, não envergonha-

vam. E o Jandaia — ah, o Jandaia! O Jandaia, de grandes tradições cine-teatrais gradualmente corroí- das pela chamada evolução, era a democracia nos espetáculos. Todo mundo podia ir, até porque, para os menos afortunados ou mais aventureiros, havia uma geral, lá em cima. E passava filmes mexicanos de enorme popularidade. Para nós, por causa das rumbeiras, ép- tome das quais era a invencível Maria Antonieta Pons, com aque- las repolhudas saiotas farfalhan- tes abertas na frente, umbigo de

fora e rebolados inexcedíveis. Para as senhoras e senhoritas, por cau- sa de Libertad Lamarque e Pedro Armendariz, protagonistas de dra- mas fundíssimos, durante os quais os leques não bastavam para secar os rios de lágrimas brotados nas damas. Isso tudo entre tangos, bo- leros e guarâncias, nada que se pu- desse defrontar sem problemas circulatórios.

E as novidades? E quando apa- receram as matinais do recém- inaugurado Guarani, na Praça Castro Alves? Era uma festa, sim, era uma festa. Meu pai, que não se renomava por convicções liberais, me deixava solto. Domingo, tudo bem: eu podia sair às nove da ma- nhã, ir às matinais, ficar na rua, ir às matinês e às soirées e só voltar tarde da noite. O "almoço", prin- cipalmente o primeiro deles, foi uma glória irrepetível. Saí do Guarani, entrei pela Rua da Ajuda (bem perto do Cinema Art, aliás, que naqueles tempos barrou o es- pectador Gláuber Rocha por estar de alpercatas), encostei no bal- cão de um boteco e, reunindo cor-agem e afetando nonchalance, pedi um sanduichão e uma cana- ca de chope, daquelas de metal, arredondadas, em que meu pai bebia. Lembrança que nunca sai- do juízo, tarde de devaneios no Pax, noite de liberdade no Glória e no Liceu — ah, meu cinema querido, que os anos não trazem mais.

E sobre os quais tampouco falo mais. Alguém aí se lembra de Jay Rumney, o ator que fez Calígula, no primeiro filme em cinemasco- pe? Alguém aí lembra os óculos, para as sessões 3-D? Certamente, que sim, mas calemos. Não vale a pena o coroa ficar cantando remi- niscências, e agora, além de tudo, me aperta o coração que nem vos- conto.